

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: A VIAGEM PERMANENTE – O CINEMA
INQUIETO DA GEÓRGIA
5 de Novembro 2020

KRISTINE / 1918
“Kristine”

um filme de Aleksandre Tsutsunava e Guermene Goguitidze

Realização: Aleksandre Tsutsunava e Guermene Goguitidze / **Argumento:** Aleksandre Tsutsunava, segundo romance de Egnate Ninochvili / **Fotografia:** Aleksandre Digmelovi, Aleksandre Sugerman / **Direcção Artística:** Dimitri Chevardnadze / **Interpretação:** Antonina Abelichvili (Kristine), Grigol Fronispireli (Iasson), Vasso Arabidze (o pai de Kristine), S. Ankara (a mãe de Kristine), Sofio Kipchidze (Marika), Babo Rostomachvili (Natalia), Tsetsilia Tsutsunava (Marina), Margarita Gogonachvili.

Produção: Guermene Goguitidze / **Cópia:** em DCP, original em 35 mm, preto e branco, do Centro Nacional do Cinema Georgiano, com intertítulos em georgiano e legendagem electrónica em português / **Duração:** 25 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Kristine é apresentado com **Mzago da Guela**, de Luv Puch e Chalva Khuskivadze (“folha” distribuída em separado).

Kristine foi um filme pioneiro, tido como a primeira experiência do cinema georgiano com a ficção e com uma amplitude narrativa a almejar o romanesco – de resto, na base do argumento está um romance de um escritor georgiano bastante popular naquela época. Aleksandr Tsutsunava, um dos realizadores e o argumentista que chamou a si a adaptação do romance de Ninochvili, vinha do teatro, onde tinha carreira de destaque como encenador, e veio a tornar-se, nos anos seguintes, uma das principais figuras do primeiros tempos da indústria cinematográfica na Geórgia. Diz-se que Tsutsunava teve a ideia de avançar para esta, pelo menos no contexto georgiano da altura, grande produção, depois de ficar impressionado com um filme italiano que vira nalgum cinema da Geórgia. E, de facto, apesar de todos os elementos específicos que o filme ostenta, nota-se que Tsutsunava aprendeu bem com as coisas que via por então; **Kristine** adopta, com convicção, um modelo narrativo, e sobretudo um modelo de caracterização, que tem tudo a ver com os *incipits* de melodrama que então se iam tornando comuns um pouco por todo o lado, trabalhando uma série de temas tradicionais e bastante expandidos, da condição feminina às questões de classe, passando pela oposição entre o mundo rural e o mundo urbano. Outra característica que **Kristine** partilha com os veios principais do cinema dos anos 1910 tem a ver com o aproveitamento dramático dos cenários naturais, e a colocação das personagens (ou, sobretudo, da personagem central) em ambientes onde os contornos e obstáculos naturais condensam as dificuldades e os sofrimentos – como encontramos em tanto cinema desta época, o esforço físico é o caminho pelo qual se chama a empatia do espectador para a dimensão emocional das personagens e do relato. Finalmente, é preciso dizer que num filme que não esconde o lado teatral da vocação do realizador (para o mal e para o bem, o artifício da representação, ou da encenação de certas cenas, sobretudo as de interiores, está totalmente exposto), as cenas mais felizes são aquelas em que essa artificialidade é esburacada pelo que parece ser uma genuína espontaneidade: as cenas de rua, ou aquela espécie de festa popular já perto do fim.

Luís Miguel Oliveira